

DO DIGITAL AO PAPEL: REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA DIGITAL JUVENIL E A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA NEGRA COM AS MÍDIAS DIGITAIS

FROM DIGITAL TO PAPER: REFLECTIONS ON YOUTH DIGITAL LITERATURE AND THE BLACK LITERARY EXPERIENCE WITH DIGITAL MEDIA

Alice Atsuko Matsuda¹

Amanda Crispim Ferreira²

RESUMO

Há uma variedade de textos da Literatura Infantil e Juvenil, com diferentes temas e abordagens, utilizando-se de diversos recursos, tanto no formato tradicional (livro de papel) como tecnológico (livro digital). No entanto, como está o contexto de leitura dos jovens leitores, da faixa de 11 a 18 anos? Na última edição da pesquisa do *Retrato da Leitura no Brasil*, 6. edição, de 2024, observa-se que, embora o progresso tecnológico tenha possibilitado outros meios para o leitor interagir com os livros, a maioria ainda prefere ler em livro de papel. Entretanto, o meio que eles mais acessam em momentos de lazer é o tecnológico: a internet. Dessa forma, o presente artigo objetiva sugerir um trabalho de leitura que parte do digital e vai ao livro de papel, a fim de atender o gosto do leitor jovem. Além disso, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024), o professor exerce papel central na formação do leitor, sendo o tema um dos principais critérios na escolha da obra. Diante disso, propõe-se o desenvolvimento do tema do racismo e da presença negra na literatura digital, pauta relevante no cenário sociocultural contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Livro Digital e Livro de Papel; Literatura negra; Racismo.

SUMMARY

There are a variety of texts in Children's and Young Adult Literature, with different themes and approaches, using different resources, both in traditional format (paper books) and technological format (digital books). However, what is the reading context of young

¹ Professora na UTFPR-Curitiba (aposentada), do PPGEL, campus de Curitiba-PR. Doutora em Letras pela UEL. Integra o grupo da ANPOLL, Leitura e Literatura Infantil e Juvenil. E-mail: profa.aamatsuda@gmail.com

² Doutora em Letras, pela UEL e professora adjunta do curso de Letras-Português, da UTFPR Curitiba. É autora do livro "A poesia de Carolina Maria de Jesus", publicado pela Ed. Malê e integra o Conselho editorial Carolina Maria de Jesus, da Cia das Letras. E-mail: amacrispim@utfpr.edu.br

readers, aged 11 to 18? In the latest edition of the *Retrato da Leitura no Brasil* survey, 6th edition, 2024, it was observed that, although technological progress has enabled other means for readers to interact with books, most still prefer to read in paper books. However, the medium they access most in their leisure time is the technological one: the internet. Thus, this article aims to suggest a reading work that starts from the digital and goes to the paper book, in order to meet the taste of young readers. Furthermore, according to the *Retratos da Leitura no Brasil* survey (2024), the teacher plays a central role in the formation of the reader, with the theme being one of the main criteria in choosing the work. In view of this, we propose the development of the theme of racism and the black presence in digital literature, a relevant topic in the contemporary sociocultural scenario.

Keywords: Young Adult Literature; Digital Book and Paper Book; Black Literature; Racism.

Introdução

A escola tem um papel relevante na formação do leitor e o professor/professora é o maestro dessa grande orquestra. Conforme a última pesquisa do *Retratos da Leitura no Brasil* (2024), o professor/professora é o grande influenciador do aluno na indicação dos livros, na faixa de 05 a 17 anos (Fig.1). Depois, os amigos exercem esse papel. Portanto, saber selecionar a obra a ser trabalhada na escola, atendendo os horizontes de expectativas desse leitor, tem um peso para que se crie o gosto pela leitura. Além disso, a escolha da metodologia a ser empregada é muito importante para que se forme um leitor competente, crítico, que saiba interpretar o texto, contextualizando a obra lida com o conteúdo e o autor, além de relacionar o contexto de publicação e o contexto de leitura. Ademais, a maioria dos leitores afirma buscar obras literárias por gosto ou interesse pessoal, sendo a leitura também associada, em segundo lugar, ao entretenimento e ao lazer, conforme aponta a pesquisa (Fig.2). Esses dados reforçam a importância de considerar as motivações individuais no planejamento das práticas pedagógicas, valorizando o prazer da leitura como elemento central na formação de leitores autônomos e críticos. A literatura, nesse contexto, ultrapassa a função instrumental e se consolida como experiência subjetiva significativa, capaz de estimular a reflexão, a empatia e a imaginação.



Fig. 1. Fragmento de *Retratos da Leitura no Brasil 1*

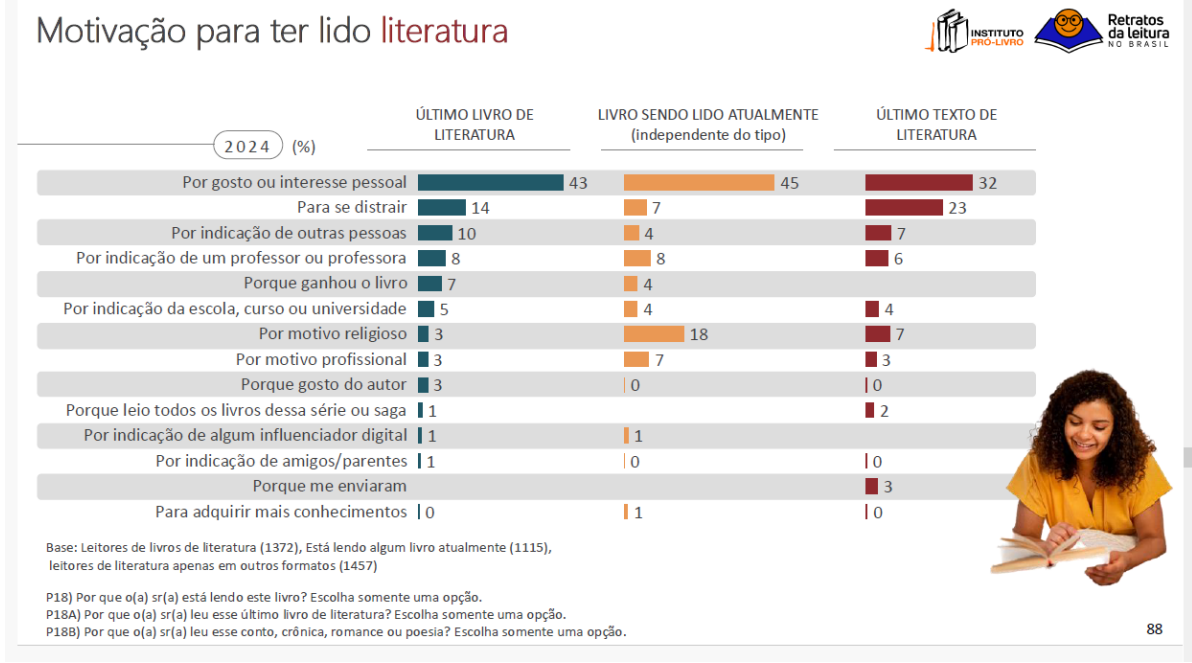


Fig. 2. Fragmento de *Retratos da Leitura no Brasil 2*

Outro dado interessante é que a maioria prefere ler livro de papel e não livro digital, de acordo com a questão sobre o formato do último livro lido e do formato que prefere ler. 83% dos pesquisados estão lendo ou leram livro de papel em contrapartida de

apenas 16% dos pesquisados que leram ou estão lendo livro digital. Quanto à preferência pelo formato, 57% preferem livro de papel e apenas 22% preferem livro digital.

Entretanto, em momentos de lazer, a maioria (78%) prefere acessar a internet, enquanto apenas 20% preferem ler livro de papel ou digital. No uso da internet não está computado o uso das mídias digitais, assistir a filmes e a programas de TV e ouvir músicas (Fig.3).



Fig. 3. Fragmento de Retratos da Leitura no Brasil 3

Ao observar o gráfico por escolaridade, percebe-se que o uso da Internet aumenta a cada nível escolar (Fig. 4).

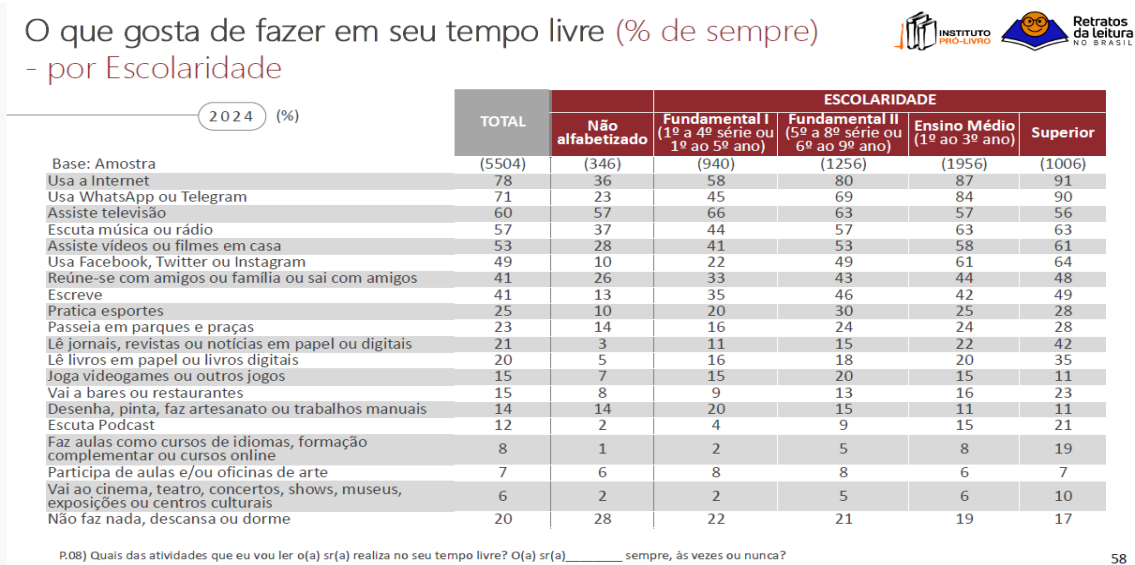


Fig. 4. Fragmento de Retratos da Leitura no Brasil 4

No entanto, de acordo com os dados analisados, as atividades mais recorrentes entre os usuários da internet envolvem a troca de mensagens por aplicativos como WhatsApp e Facebook, o uso de redes sociais, o consumo de conteúdos audiovisuais — como filmes e programas de TV —, a escuta de músicas e a prática de jogos digitais. A leitura de livros é citada, mas aparece como última opção (Fig.5), fato que demonstra desinteresse pela leitura. Em um contexto marcado pela superficialidade das leituras digitais e da disseminação de desinformação, formar leitores críticos por meio da literatura tornou-se um desafio crescente para professores e professoras, enfim, para os mediadores de leitura.



Fig. 5. Fragmento de *Retratos da Leitura no Brasil 5*

Portanto, o presente artigo objetiva apresentar uma sugestão de trabalho com uso de uma obra literária digital para atender os horizontes de expectativas do leitor, que demonstra ter interesse pelo uso da internet. E, a partir da obra digital, criar uma conexão, sugerindo leitura de uma obra literária em um livro de papel, atendendo, dessa forma, os gostos dos leitores. Ademais, também se propõe uma discussão sobre a presença da literatura negra e da temática negra no meio digital.

A obra selecionada para o desenvolvimento do trabalho é *Dia de Folga*, de Flávio Komatsu, um conto hipertextual³ que aborda de forma crítica o tema do racismo. O texto está disponível no site *Literatura Digital*, organizado por Marcelo Spalding⁴, que reúne

³ Site da obra: <https://hojeemeudiadefolga.blogspot.com/>

⁴ Site Literatura Digital: <https://www.literaturadigital.com.br/>

gratuitamente diversas produções de LitDigital. A escolha da plataforma se justifica não apenas pela qualidade do acervo, mas também pela facilidade de acesso e gratuidade, um aspecto relevante diante dos obstáculos identificados pela pesquisa, entre os quais o custo do livro, ainda que não seja apontado como o principal impeditivo à leitura. Nesse sentido, o formato digital e gratuito representa uma estratégia significativa para democratizar o acesso à literatura e ampliar o alcance da obra entre os leitores, sobretudo no contexto escolar.

A experiência literária negra e as mídias digitais

Ao tratar do tema do racismo no presente artigo, além de discutir a relação do leitor jovem com as tecnologias digitais, um dos objetivos era pensar estratégias para trabalhar a literatura digital negra em sala de aula. Diga-se “era” e não “é” porque ao longo da pesquisa foi observado que a presença da autoria negra no gênero literatura digital no Brasil é muito pequena, quase nenhuma.

Parte do pressuposto que literatura digital constitui uma forma de produção literária concebida especificamente para o ambiente das mídias digitais, distinguindo-se das obras tradicionais impressas por sua natureza interativa e multimodal. Trata-se de um gênero que explora os recursos próprios das tecnologias contemporâneas, como animações, elementos audiovisuais, hipertextualidade e, em muitos casos, a construção colaborativa entre autores e leitores. Por sua estrutura e dinamicidade, essas obras não podem ser plenamente transpostas para o formato impresso, pois perdem aspectos essenciais de sua configuração estética e funcional. Nesse contexto, a literatura digital representa uma ampliação dos modos de ler, escrever e interagir com os textos, desafiando os limites da narrativa convencional e promovendo novas experiências de fruição literária. Enfim, conforme Hayles (2009, p. 20), são todas as obras “nascidas no meio digital”. Totalmente diferente das obras digitalizadas presentes nos sites de plataformas, como *Leia Paraná*⁵, não só na Secretaria Estadual de Educação do Paraná, mas em outros estados do país, como também em São Paulo, que nos leva a questionar se esta plataformização da leitura não está criando uma aversão pela leitura e, talvez, resultado

⁵ <https://leiaparana.odilo.us/?locale=pt>

da diminuição da leitura no país, conforme constatado na pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2024)?

Uma consulta no *Observatório da Literatura Digital Brasileira*, resultado de um projeto de pesquisa financiado pelo Cnpq, coordenado pela pesquisadora Rejane Cristina Rocha (2022), com um acervo disponível on-line⁶, possibilitou essa conclusão, pois, acredita-se que, salvo Ricardo Aleixo, não há outros representantes da literatura negra brasileira no acervo. Entretanto, as duas obras do escritor mencionadas no repositório não estão mais disponíveis para acesso, algo comum na literatura digital, devido ao suporte no qual a obra é criada e apreciada ser efêmero.

Embora não tenhamos uma tradição de obras de a literatura digital negra, escritores negres são muito atuantes no meio digital, sendo muito comum, presenciarmos tais artistas utilizando sites ou redes sociais como *Facebook* e *Instagram* para divulgar suas obras impressas, além de plataformas ou aplicativos para publicar e divulgar obras como o *Wattpad*, uma ferramenta digital muito utilizada para a publicações independentes de narrativa de autores pouco conhecidos.

Diante disso, cabe a reflexão “Por que a literatura negra brasileira é amplamente difundida nas mídias digitais, mas não temos uma tradição de literatura negra digital?”

Provavelmente, a principal hipótese seja a que a literatura digital é pouco acessível. Como já discutido, a produção de obras digitais exige uma certa familiaridade do autor com tecnologias digitais, além de exigir habilidade técnica do autor com este meio. Também é necessário, na maioria das vezes, um trabalho de coautoria com web designers ou programadores. Tudo isso é importante não só para a construção da obra, mas também para a sua divulgação, para a construção de um público leitor entorno da produção. Ou seja, para produzir literatura digital é preciso muito mais do que saber “mexer no computador” ou possuir um letramento digital, é necessário um conhecimento específico ou condições de contratar profissionais que o tenham. Tais condições não são fáceis para a população negra que está nos piores índices sociais deste país.

Ainda sobre a questão do acesso, as mídias e plataformas digitais acabam sendo os lugares mais procurados por artistas negres para publicar ou divulgar obras impressas por serem espaços gratuitos, em que podem exercer a auto publicação ou auto divulgação,

⁶ <https://www.observatorioldigital.ufscar.br/atlas-da-literatura-digital-brasileira/>

diante do racismo que impera no mercado editorial. Escritoras Ryane Leão, Jarid Arraes e Cidinha da Silva são exemplos de escritoras negras que possuem grande engajamento nas redes sociais como *Instagram* e *Tik Tok*, onde compartilham seus textos e reflexões acerca do fazer literário, do racismo e do mercado editorial e, por meio desse engajamento, divulgam seus livros impressos. Uma parte desse engajamento vem de leitores jovens que consomem não só o conteúdo virtual como também o impresso. Com exceção de Ryane, que não especifica a faixa etária das suas obras, as demais possuem obras específicas para o leitor jovem e, inclusive, tais obras estão no PNLD literário como *Os nove pentes d'África*, de Cidinha da Silva e *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes.

Ryane Leão possui o perfil @ondejazzmeucoração no *Instagram* e administra mais de 600 mil seguidores. Seu público é formado majoritariamente por mulheres, tanto adultas, quanto adolescentes. Nas redes, publica fotos do seu livro, ora da capa ora aberto na página de um poema, ou coloca fragmentos de um poema em um card, ou ainda, post *reels*, que são vídeos, recitando um dos seus poemas. Ademais, posta *stories* do seu cotidiano e também faz as famosas “publis”, associando sua imagem a produtos que dialogam com a temática da sua poética: empoderamento feminino, autoamor, processos de cura interior, feminismo negro e religiosidade. Essas diferentes formas de posts acabam “viralizando” nas redes, fortalecendo o seu trabalho, não só como digital influencer, mas, principalmente como escritora. Prova disso são os mais de 150 mil livros vendidos⁷, feito praticamente inédito para uma poeta, mais ainda para uma poeta negra.

Ryane Leão já declarou que quando começou a escrever, publicava em seu blog. Em uma entrevista para o jornal *O Globo* (2017), afirmou que antes do sucesso na internet, também publicava seus poemas na rua, colando lambe-lambes nos postes e muros. Por meio deles, as pessoas começaram a segui-la no *Facebook* e no *Instagram*. Dentre as suas seguidoras, estava a arquiteta Stephanie Ribeiro que, quando soube que a editora Planeta procurava uma poeta brasileira que tivesse uma produção semelhante à da poeta canadense Rupi Kaur, indicou o trabalho de Ryane, de quem já era fã.

Além das ruas e da internet, Ryane também é slamer. Ela declara que foi no *Slam*, ouvindo a poeta negra Luz Ribeiro, que se sentiu parte do mundo da literatura pela

⁷ <https://www.jornalocandeeiro.com.br/noticia-44228-autorabestsellerryaneleolaanovanovolivrodepoesiasemsalvador>

primeira vez. O *Slam*, assim como as redes sociais, é ocupado por artistas negres como espaços de subversão, de resistência. Também são espaços muito frequentados pelo público jovem, que, podemos dizer, é o público que mais consome as poéticas que circulam nesses ambientes.

A história de Ryane é um exemplo de como artistas negres precisam subverter o sistema, para conseguirem acessar o mercado editorial e terem suas obras publicadas em livros impressos ou e-books.

Além das redes sociais, o *Wattpad* tem sido muito procurado por artistas negres, pois trata-se de um aplicativo gratuito, no qual as pessoas escrevem e também divulgam seus textos, construindo ali, uma comunidade leitora. Sabe-se que escritoras best-sellers como a carioca Nana Pauvolih, a mato-grossense Camila Moreira e a estadunidense Anna Todd iniciaram seu processo no aplicativo, suas obras tiveram milhares de visualizações e depois tiveram suas obras publicadas em livros impresso

Desse modo, podemos concluir que o empenho de artistas negres em ocupar essas mídias é para terem suas obras divulgadas e conseguirem acessar o mercado das editoras, que ainda insiste em praticar o racismo, mesmo com tantos escritores e escritoras negras best-sellers como Itamar Vieira Junior, Ana Maria Gonçalves, Jeferson Tenório, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro e Carolina Maria de Jesus.

Outra hipótese para pessoas negras utilizarem muito as redes sociais, mas não produzirem muita literatura digital, seria o desejo desses autores de acessar um lugar que ainda é muito difícil para os escritores negros e, como vimos, ainda é o mais valorizado pelo público leitor, o livro impresso. Ou seja, diante do que foi apresentado, é possível concluir que talvez, o afastamento da literatura negra da literatura digital não seja apenas por não terem condições de produzi-la, mas por quererem investir em um processo que ainda é mais valorizado pelo público e que poucas pessoas negras conseguiram ocupar.

Entende-se por ocupar o mercado editorial não só por publicar uma obra, mas realmente estar inserido no meio. Estar em feiras literárias, ministrar palestras, concorrer a prêmios, possuir contratos justos e ter todo apoio financeiro da editora para divulgação de sua obra. Esse status, poucos autores têm no Brasil. No caso dos negros, pouquíssimos.

Podemos comparar essa situação com a experiência literária negra com o Modernismo. Enquanto essa estética era muito apreciada por escritores brancos, os negros, como Carolina Maria de Jesus e Lino Guedes foram acusados ora de não saber

fazê-lo (Lajolo, 1996), ora de estarem em transição entre duas estéticas (Gomes, 2011), porque produziram suas obras com características negadas pelos modernos como o conservadorismo, idealizações e preciosismos. Entretanto, também apresentavam características vanguardistas, construindo obras complexas, marcadas pela junção das diversas estéticas. (Burguer, 2008)

Para a pesquisadora Zilá Bernd (1988), os poetas negros da época não aderiram totalmente à estética moderna porque os modernos propunham um rompimento com padrões estéticos, a que os negros ainda não tinham tido acesso. Enquanto escritores brancos estavam afastando-se dessas estéticas, os negros ainda estavam brigando para acessá-las:

A extraordinária consistência dessas duas ideologias, *o branqueamento e a democracia racial*, explica a não adesão dos artistas negros à iconoclastia modernista. Os artífices do movimento iniciado com a Semana de Arte Moderna de 1922, ao proporem o rompimento com padrões estéticos “autorizados” e legitimados como o Parnasianismo e o Simbolismo, rumavam no sentido oposto ao das comunidades negras, convencidas de que o caminho de sua aceitação definitiva no corpo social brasileiro deveria passar justamente pela assimilação dos modelos que os modernistas queriam destruir. Efetivamente torna-se impossível ao negro rejeitar o que ele ainda não havia adquirido. (Bernd, 1988, p. 63, grifo nosso)

Isso explica o fato de, mesmo com tantos elementos disponíveis para a construção de uma Literatura Negra modernista, termos tido poetas negros ainda “presos” às outras estéticas, como o Parnasianismo ou o Romantismo. Não era desinformação ou falta de opção, mas escolha. Era um forte desejo por querer fazer parte desse grupo. Desse modo, compreendemos o processo criativo e de escrita de alguns artistas negres, que é resultado de um trabalho inovador, que mescla uma intensa reflexão existencial, política e social, as experiências vivenciadas, uma análise linguística e um constante diálogo com o cânone.

Neste sentido, é possível concluir que a relação da literatura negra com as mídias digitais é, ainda, de ferramenta, de meio para chegar no texto impresso. Não é, ainda, uma relação de produção literária como há com artistas de literatura digital. Entretanto, assim como aconteceu em outros momentos da historiografia literária, é possível dizer que a literatura negra pode ocupar esse campo literário. Basta entender o tempo.

***Dia de folga*, de Flávio Komatsu e *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo: uma proposta pedagógica**

Embora a literatura negra ocupe pouco espaço na literatura digital, o tema do racismo e da vivência negra é apresentada em algumas obras digitais disponíveis na atualidade. Um exemplo é a narrativa *Dia de folga*, de Flávio Komatsu, que aborda um domingo de um jovem negro que, ao ir ao encontro de sua namorada, tem sua viagem interrompida por uma abordagem policial.

Apesar de a obra ser constituída por diversas referências negras brasileiras, como o rapper Emicida e a escritora Conceição Evaristo, a obra não é considerada literatura negra e, a principal razão, é que não foi escrita por um escritor negro.

Sabemos que o conceito de Literatura Negra ainda está em construção, sendo que não há, nem entre os críticos, nem entre os autores, um consenso acerca do seu significado. Como bem destacou a escritora e intelectual negra Miriam Alves, “é um território de polêmicas conceituais” (Alves, 2010, p. 42). O que há são critérios encontrados a partir do estudo de textos de autoria negra, nos quais nos baseamos para tecer nossas reflexões.

É comum, entre vários teóricos da Literatura Negra, como Roger Bastide (1943), David Brookshaw (1983), Oswaldo de Camargo (1987); Zilá Bernd (1988), Benedita Gouveia Damasceno (2003), Florentina Souza (2006), Luiza Lobo (2007), Domício Proença Filho (2010), Eduardo de Assis Duarte (2010b), Edimilson de Almeida Pereira (2010), Miriam Alves (2010) e Luiz Silva Cuti (2010), a percepção de que a primeira constante que caracteriza a poesia negra é a presença de um eu lírico negro, ou ponto de vista negro, ou, ainda, eu-enunciador-que-se-quer-negro. Mais do que a cor da pele do autor, a cor da voz que enuncia no texto deve ser preta: “[...] o conceito de Literatura Negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que se quer negro” (Bernd, 1988, p. 22). Em outras palavras, não são todos os escritores negros que produzem Literatura Negra, mas somente aqueles que “assumem ideologicamente a sua identidade” (Lobo, 2007, p. 340).

Esse quesito é o que difere um poema negro de um poema que fala sobre o negro, é o que faz Luiz Gama ser considerado um poeta negro, e Castro Alves não, mesmo os

dois falando do povo negro em seus textos. A diferença é que o primeiro, ao abordar a questão do navio negreiro, fala a partir do porão do navio, sob o olhar do escravizado. Já o segundo versa do convés, distante, paternalista e até reforçando estereótipos, como o do “negro vítima”. É isso que faz “Nega fulô”, de Jorge de Lima, ser um poema racista, e não uma homenagem à mulher negra, como muitos imaginam, pois a apresenta como objeto sexual do homem branco, e “Diamante”, de Lepê Correia, que exalta a beleza do corpo da mulher negra, não ser racista.

Outro ponto relevante na poesia negra é a linguagem. O escritor ou a escritora pode inserir vocábulos pertencentes às culturas africanas: “[...] a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida, legitima uma escritura negra” (Bernd, 1988, p. 22). Todavia, há de se ter cuidado ao utilizar tal recurso. Muitos autores, na ânsia por apresentar uma identidade negra no texto, acabam se excedendo nas expressões e termos de origem africana, folclorizando as religiões de matriz africana, tornando o texto um simples adereço, e não um meio de fortalecimento da cultura negra. Provoca-se um efeito contrário, e, ao invés de promover a identificação do leitor, gera o afastamento. Deve-se ter em mente que não são comuns, para a maioria dos negros brasileiros, os traços culturais de matriz africana, pois foi-lhes negada essa convivência. Por muitos anos, a capoeira, o candomblé e o samba, por exemplo, foram manifestações reprimidas no país, enquanto as manifestações de origem europeia foram aculturadas no povo negro. Por isso, é tão comum ver os negros brasileiros vivenciando o Cristianismo, sem conhecerem o Candomblé. Nesse sentido,

Traços culturais de origem africana no texto literário não são recursos suficientes para se caracterizá-lo como negro-brasileiro, uma vez que parcela significativa da população negra não está identificada com eles. Continuam essas pessoas, no entanto, com seus enfrentamentos diários, dentro e fora delas, com o racismo, o preconceito, e a discriminação. Cultura sem experiência subjetiva e coletiva resume-se apenas à forma vazia ou preenchida com conteúdo falso. (Cuti, 2010, p. 92)

Essa explanação é importante, pois traz para a Literatura Negro-Brasileira textos e autores antes acusados de não serem negros, simplesmente por não apresentarem tal vocabulário.

Diante disso, entendemos que a obra *Dia de folga* não pertence à Literatura negro-

brasileira, contudo é uma obra que aborda uma temática negra.

Já no início da obra, o narrador dá indícios de ser um homem negro e periférico com a frase ‘teu corpo nasceu com um alvo! e alvo imóvel é alvo morto!’ Então me abraçou e começou a chorar, “mas a culpa não é tua...” (Komatsu, s/d, s/p). Ao colocar que sua pele é alvo, faz referência tanto à canção do rapper Emicida intitulada “Ismália” (2019), que diz “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo”, quanto à violência policial contra a população negra. O “alvo” seria, neste caso, o corpo negro, que é, segundo as estatísticas, o que mais é encontrado por balas de armas de policiais. Segundo o site G1, em pesquisa realizada em parceria com Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos da Violência da USP, 78% das vítimas dos disparos realizados pela polícia são pessoas negras. Em complemento, de acordo com o Atlas da violência (2020), os jovens negros são as principais vítimas de homicídios no país, sendo que em 2018, configuravam 75,7% das vítimas fatais.

Ainda na narrativa, há outro momento, logo no início, que confirma que o narrador é um homem negro, quando ele aponta que herdou o alvo do pai, que fora assassinado pela polícia, que alegou ter confundido um guarda-chuva com uma arma. Num hiperlink, o conto traz a notícia⁸ de um garçom, um homem negro, que fora assassinado pela polícia enquanto subia o morro para chegar em casa, por portar um guarda-chuva e a polícia justificar que confundiu com um fuzil.

A trama se desenrola com a ajuda do leitor, que, a cada “página”, se vê desafiado a decidir acerca do destino da personagem principal, clicando nas opções disponíveis, conforme podemos ver na imagem a seguir:

⁸ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/18/mp-apura-acao-de-pms-na-morte-de-garcom-baleado-no-chapeu-mangueira.ghml>



Fig.6. Fragmento 1 de *Dia de folga*

A cada “click” o leitor é levado ora para a próxima página de texto, ora para um hiperlink, com uma notícia, um vídeo, um poema, um meme, um clipe, enfim, diversas possibilidades de recursos digitais que compõem a obra, conforme as imagens a seguir:

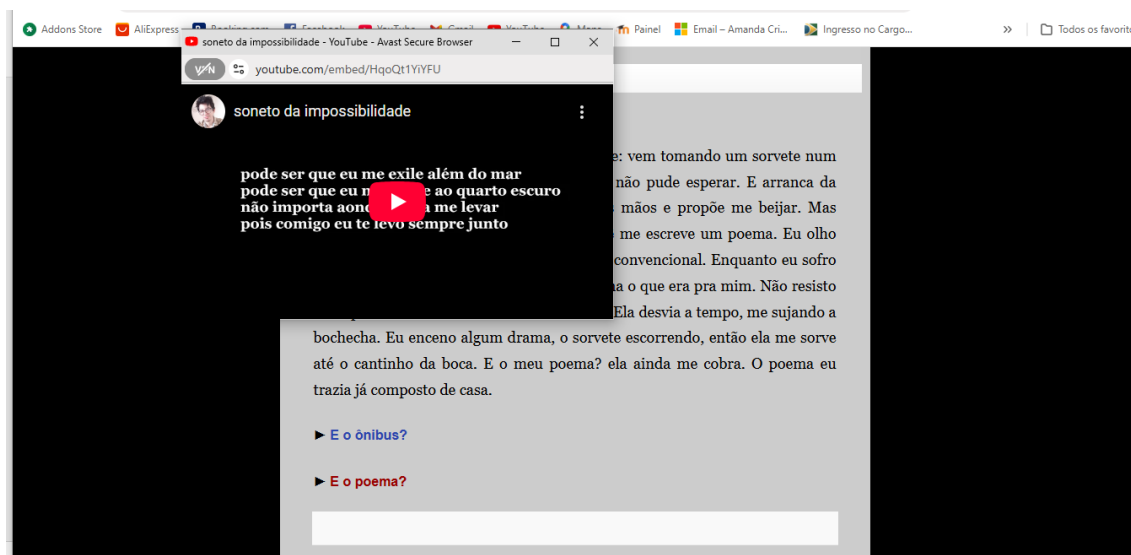


Fig.7. Fragmento 2 de *Dia de folga*



Fig.8. Fragmento 3 de *Dia de folga*

Há na obra, momentos em que as mídias ou tecnologias digitais, além de comporem a narrativa, também são citadas no texto. Um exemplo é o momento do enredo em que a personagem está no metrô, em pé, a caminho do encontro com Isa, a mulher por quem ele está apaixonado, e observa o vídeo que outra passageira, que está sentada, assiste no celular. O conteúdo do vídeo, um incêndio na floresta amazônica denunciado por uma mulher indígena, cuja etnia não é revelada no vídeo, é descrito no texto, entretanto, a palavra “vídeo” aparece em destaque, possibilitando que o leitor clique nela e assista à denúncia, no site *You tube*.

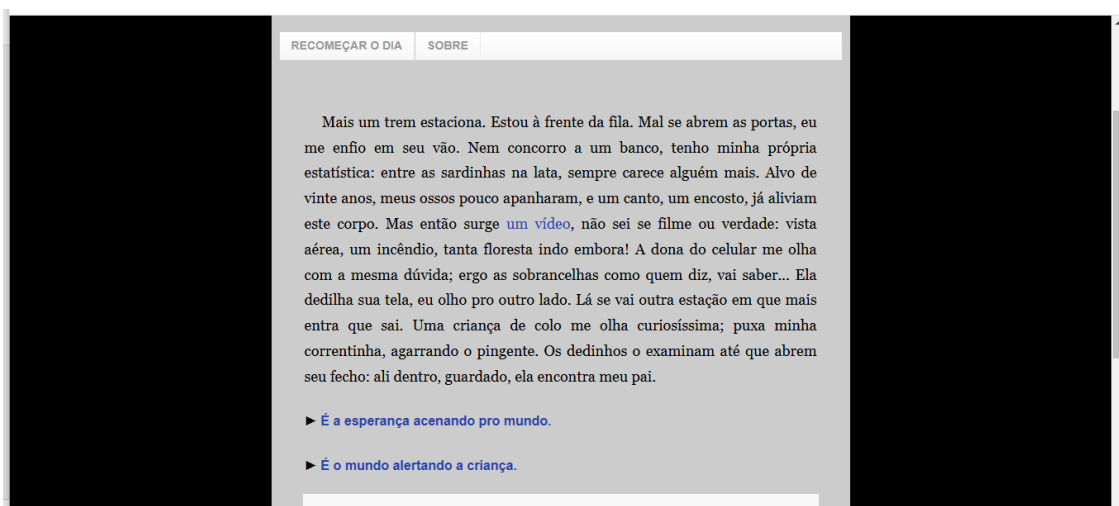


Fig.9. Fragmento 4 de *Dia de folga*

Ou quando o narrador relata que, ao descer na estação, recebeu uma mensagem de Isa no celular, que dizia “que saudade! Vem logo!”.

A história atinge o clímax, quando, ao sair da estação, ele se vê diante de uma abordagem policial e, mesmo já avistando Isa no outro lado da rua, o medo lhe toma, pois não sabe se estará vivo ao atravessar. Em sua mente, imagina maneiras de resistir ao possível ataque mortal e conseguir concluir o plano, que é chegar vivo até sua amada. Todavia, como trata-se de uma história de amor, Milton, cujo nome só é revelado nas últimas linhas do conto, consegue permanecer vivo e encontrar sua amada, pois, naquele dia, o alvo era outro.

O conto de Komatsu possibilita não só uma experiência artística por meio de recursos digitais, mas um convite a conhecer a produção de artistas negras, como Conceição Evaristo. Tal movimento é fundamental, pois além de proporcionar aos jovens o encontro com a obra de uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira, de “descolonizar a literatura, como afirmou Nilma Lino Gomes (2020, p. 232) e combater o epistemicídio, ou seja, apagamento sistêmico de saberes negros, é um caminho para a implementação da lei 10.639, de 2003, que altera a LDB e obriga o ensino de História e culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas.

A figura 8, apresentada anteriormente, possui a imagem da autora juntamente com uma frase que, uma parte, é o título de um dos contos da obra *Olhos d’agua* (2014), que foi aprovada para o PLND Literário, na edição de 2018, para o Ensino Médio. A frase foi modificada na internet, provavelmente por causa da dificuldade de um grupo da população brasileira em aceitar que uma escritora premiada e relevante para a literatura brasileira queira reproduzir uma língua marcada por influências de línguas africanas, o pretuguês, conceituado por Lélia Gonzalez⁹ (1983, 1988). O texto original é “Eles combinaram de nos matar, mas **a gente** combinamos de não morrer”. (Evaristo, 2014,

⁹ [...] aquilo que chamo de ‘pretuguês’ e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil [...], é facilmente constatável sobretudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isto sem falar nos dialetos ‘crioulos’ do Caribe). (GONZALEZ, 1988, p. 70)

É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l nada mais é do que a marca lingüística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal quem é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. (GONZALEZ, 1983, p. 238)

p.99, grifo nosso), sendo “A gente combinamos de não morrer” o título do conto e frase que norteia toda a história, representando o pacto de imortalidade estabelecido entre duas personagens do conto, Dorvi e Bica.

A narrativa evaristina é construída por meio de três narradores que conduzem a ação no conto. São três vozes diferentes que apresentam ao leitor diferentes lugares diante da morte, diferentes percepções mediante o inevitável. Dentre esses narradores, há uma mãe, dona Esterlinda, mãe que conhece a dor de perder um filho assassinado ainda jovem e está prestes a perder também o pai de seu neto. Divide-se em viver o luto do filho, enfrentar os desafios diários e angustiar-se pela dor que a filha e o neto já sentem pela morte anunciada do seu genro. Há outra mãe, uma jovem mãe, Bica, filha de Dona Esterlinda, que conhece a dor de perder o irmão, Idago, e vários outros amigos de infância que mesmo mediante o pacto de imortalidade, não conseguiram fugir das estatísticas diárias. Vivencia também a experiência da morte anunciada do seu homem e de ser mãe de um filho que não conviverá com o pai, pois este está jurado de morte. E por fim, temos a voz solitária de Dorvi, namorado de Bica e pai do filho deles, um jovem que convive ao mesmo tempo com o fato de poder ser encontrado pela morte a qualquer momento e a lembrança do juramento que fizera para a namorada, o pacto de não morrer. Todas as vozes narram a dor de ter perdido amigos e parentes. Narram também como funciona esse jogo de matar para não morrer, como aprendem, ainda na infância, a lidar com a angústia da morte iminente. Sobreviver é o objetivo de todas as manhãs.

A narrativa se dá em um espaço onde a morte é tão presente e próxima que chega a parecer uma personagem da narrativa “A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos.” (Evaristo, 2014, p. 99), “A morte incendeia a vida, como se essa estopa fosse.” (Evaristo, 2014, p. 99), que convive com as demais personagens do conto. Percebe-se, em toda construção narrativa, que a morte é tão real quanto a vida, por meio dos verbos de ação e adjetivos que acompanham esses substantivos e da relação que as personagens têm com elas:

A festa está se dando. Balas enfeitam o coração da noite. Não gosto de filmes da tevê. Morre e mata de mentira. Aqui, não. Às vezes a morte é leve como a poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer. Às vezes é uma fumaça adocicada enchendo o pulmão da gente. (Evaristo, 2014, p. 100)

Não só a morte física permeia este contexto “[...] Balas cortam e recortam ao corpo da noite. Mais um corpo tombou.” (Evaristo, 2014, p.101), mas também, a morte do futuro que se apresenta nas falas de pais e mães que ora desejaram que seus filhos não tivessem nascido “Pois é, meu filho nasceu. Um pingo de gente. Quando Bica me mostrou nem tive coragem de olhar direito. Pequeno, tão pequeno! Deveria ter ficado na barriga da mãe mulher, ou melhor, incubado como semente dentro do meu caralho. (Evaristo, 2014, p. 100), ora materializaram este desejo por meio do aborto “Filhos? Não sou boba, só dois. Cuspi fora uns quatro ou cinco. Provoquei. “Eu confessor, me confesso a Deus, meu zeloso guardador, bendito sois vós, que olhe por mim”” (Evaristo, 2014, p. 100). Nos dois exemplos temos a figura da criança, do filho como o símbolo do futuro, que é ameaçado dentro e fora da barriga, e assim continuará até a idade adulta. Lógico que isso acontecerá, caso ela alcance a maturidade, o que não é uma tarefa fácil neste contexto de sobreviventes:

Nem desceu o morro. Vacilou, dançou. Minha mãe recebeu a notícia que já esperava. Foi lá, acendeu uma vela perto do corpo. Uma fumacinha-menina dançava ao pé de Idago. Só ela, a fumacinha, a mãe e eu ali velamos o corpo do meu irmão. Um tapa, dois tapas, elefantes, patas pisam na gente. Escopetas, como facas afiadas, brincam tatuagens, cravam fendas na nossa tão esburacada vida. Balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombou. Penso em Dorvi. Apalpo o meu. Peito, barriga, pernas... Estou de pé. Meu neném dorme. Ainda me resto e arrasto aquilo que sou. (Evaristo, 2014, p. 101)

E assim, morre-se mais um solitário e a vida novamente segue no dia seguinte. Mais um anônimo a povoar cemitérios.

Essa realidade de morte, constituída por balas perdidas, “acerto de contas”, operações policiais, entre outras formas de violência, como a fome, a pobreza e as faltas de oportunidades, faz com que as pessoas desenvolvam diversas formas de lidar com ela. Há quem a negue, há quem a encare. Idago, irmão de Bica, foi tomado pela revolta e depois pela depressão até ser assassinado. O assassinato vem como uma espécie de alívio, para um corpo que há tempos não tinha vida. Dona Esterlinda, a voz mais experiente do conto, parece-nos querer negá-la. Não como alguém que não deseja encarar a realidade, mas para alguém que já tem os olhos cansados de tanta realidade e hoje, optou por enchê-los de ficção, refugiando-se nas telenovelas. Essas novelas funcionam como uma maneira de suportar a sua realidade, um momento de fruição e prazer em meio à guerra. Já Bica e

Dorvi surpreendem ao optarem por fazer um pacto de imortalidade e, de certa maneira, cumprem o pacto na vida do filho, já que Dorvi morre, logo após o seu nascimento. Bica ainda se apoia na escrita para enfrentar o luto e superar as dores da perda. Desse modo, neste conto cheio de improbabilidades, a arte tem um papel fundamental, pois liberta e, como apontou Antonio Candido, humaniza.

O contato com enredo de Evaristo incomoda e provoca os jovens a discutirem temas importantes como as desigualdades sociais, o racismo, a violência policial, o extermínio da juventude negra brasileira, estratégias de resistência do povo negro, o luto, a depressão e a importância da arte. Ademais, também possibilita a experiência estética da escrevivência, conceito criado pela própria Conceição Evaristo (2005), que significa produzir uma escrita atravessada por uma vivência coletiva de ser mulher, negra e periférica na sociedade brasileira, além de refletir sobre as características de uma escrita negra, que pontuamos no início da seção.

Ler a escrevivência de Conceição Evaristo na escola é promover um questionamento do cânone e um olhar mais honesto e crítico para a realidade do nosso país e, ao mesmo tempo, estar diante de uma escrita que é marcada por um brutalismo poético, resultado de um trabalho de uma escritora que consegue marcar a vida com a ficção e a ficção com a vida.

Considerações finais

Partir da leitura de uma obra digital e ir ao livro de papel pode ser uma estratégia interessante para criar o gosto pela leitura e formar leitores críticos, com competência para análises interpretativas e questionamentos dos textos lidos. Para tanto, o professor pode recorrer a várias metodologias de ensino da literatura, como o Método recepcional, organizado por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), que enfatiza a importância de atender, primeiramente, os horizontes de expectativa do leitor, oferecendo obras mais próximas do seu gosto para depois ampliar seu horizonte com obras mais complexas, como partindo da obra digital para trabalhar com uma obra de papel, com maior fôlego.

Há também sugestões de trabalho com o texto literário, recorrendo ao Letramento Literário, de Rildo Cosson (2006), empregando a Sequência Básica e/ou a Sequência Expandida, com sugestões de como o professor/mediador pode dialogar com o

aluno/leitor, discutindo o texto lido e ampliando a análise literária com os intertextos presentes nas obras e recursos literários empregados. Por fim, a Perspectiva Rizomática, de Silvio Gallo (2008), também possibilita desenvolver atividades de leitura, de acordo com as dificuldades que o leitor for encontrando no decorrer da obra, por exemplo, de uma referência que surja e que o leitor desconheça, criando vários caminhos de leituras, com várias entradas e saídas.

Uma ilustração significativa desse recurso pode ser observada na obra digital *Dia de Folga*, de Flávio Komatsu, que estabelece intertexto com a canção *Ismália*, do rapper Emicida. A música, por sua vez, dialoga com o poema simbolista *Ismália*, de Alphonsus de Guimaraens, além de evocar a figura mitológica de Ícaro, cuja trajetória trágica culmina na queda, após voar alto demais. A obra também articula referências às múltiplas formas de violência enfrentadas pela população negra e por grupos historicamente marginalizados. A análise realizada evidencia também a presença de intertextualidade com a obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, o que amplia as possibilidades de atuação do professor/mediador na condução de práticas de leitura. Ademais, a proposta de trabalho estabelecida no artigo possibilita um trabalho com a literatura negra, promovendo uma discussão relevante com os estudantes.

A partir das reflexões apresentadas neste artigo, é possível planejar atividades significativas, fundamentadas em uma ou mais metodologias de ensino de literatura, favorecendo um trabalho mais sistematizado. Tal abordagem contribui para o aprimoramento progressivo tanto da prática pedagógica quanto da formação de um leitor mais crítico, sensível e competente diante dos textos literários.

Referências

ALVES, Miriam. *Brasilafro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BORDINI, Maria da Glória, AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

EMICIDA. *Ismália*. Participação de Larissa Luz e Fernanda Montenegro. Compositores: Emicida, Nave, Renan Samam. Produção musical: Renan Samam, Nave. Álbum: *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vnVF7PcrYp8> Acesso em: 29 mai. 2025.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES. Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando currículos. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio Machada *et al.* Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo M. Buchweitz. São Paulo: Global/Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. Tradução de Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global; Passo Fundo: UPF Editora, 2009.

INSTITUTO PRÓ LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil: 6ª edição*. São Paulo: Instituto Pró Livro, 2024. Realização: Instituto Pró Livro, Ministério da Cultura. Parceria: Fundação Itaú. Patrocínio: Itaú Unibanco. Apoio: Abrelivros, CBL e SNEL. Aplicação da pesquisa: IPEC.

KOMATSU, Flávio. *Dia de Folga*. Disponível em: <https://hojeemeudiadefolga.blogspot.com/> Acesso em: 25 mai. 2021

Recebido em: 25 de março de 2025

Aceito em: 30 de junho de 2025